

A trajetória de luta e conquistas da família Silva

Mudanças de vida e trabalho rural no Semiárido após as políticas sociais

Foi na década de 1960 que Júlia e Valdemar se casaram. Na memória, as lembranças da primeira residência, feita de adobe (antiga matéria-prima usada em construções), localizada na comunidade Tanquinho. A região tinha poucos habitantes, era difícil de chegar por falta de transportes, sem posto de saúde e ainda sem luz elétrica. Ao chegar a noite, eram incomodados pelos insetos (quiche e bicho de porco) nas residências. Mas também tinha diversidade de plantas nativas, como licurizeiros,



Documento comprovatório do trabalho rural

cactos, mandacaru, etc, e animais, a exemplo de aves, tatus, nambu, perdiz, cobras, veados e outros, e era conhecida por ter o trabalho rural como uma das fontes de renda familiar, quando o acesso à água dependia de um rio que secava geralmente em dezembro. Como alternativa, eram escavadas cacimbas e barreiros que tinham a água aproveitada para o consumo humano ou animal e para produção agrícola nos primeiros meses do ano. A água barrenta era diariamente carregada na cabeça em baldes e latas.

O plantio da mandioca era um dos que mais se destacavam. “Tinham dez casas de farinha”, recorda Valdemar. A produção da farinha era rudimentar e trabalhosa. O casal também comercializava ovos, licuri, mamona, dentre outros produtos vendidos para atravessadores/as e consumidores/as na feira de Jacobina, o que exigia uma longa caminhada a pé pela estrada de chão da comunidade, levando cargas pesadas nas costas até chegar ao comércio. Outra fonte de renda era a criação animal, que exigia o aproveitamento de mandacaru, do sisal e do bagaço do feijão para alimentar os bichos, por vezes era ainda necessário comprar roças de palma e milho.

A produção e criação diminuía ou aumentavam com a seca e chuvas intensas, além da incidência de insetos, como a lagarta nas lavouras. Uma dependência marcada pela ausência de políticas sociais e apoio à agricultura familiar, criando a falsa ideia do Semiárido como lugar castigado. Neste cenário, a luta pela qualidade de vida exigia superar desafios constantes. Após o nascimento dos filhos, Inês e Ivan, o casal mudou para a comunidade Pau Ferro, em 1970, para morar próximo dos pais de Júlia e, anos mais tarde, as crianças começaram os estudos em Jacobina, um privilégio para a época.

Mas, toda semana, as segundas-feiras eram marcadas pela difícil despedida de Valdemar que ficava trabalhando na roça e Júlia seguia com Inês e Ivan para a residência da família, no centro de Jacobina, caminhando ainda antes do sol nascer. Além de cuidar

das crianças, Júlia também era responsável pelas atividades na roça, por isso, retornava com frequência à comunidade e levava produtos para comercializar nas feiras. Ainda guarda em casa moedas antigas como o cruzeiro e conta, com um sorriso no rosto,



Cisterna de consumo

sobre as amizades que ganhou com o trabalho na feira, lembrando que desde criança já ajudava os pais, hoje falecidos, na venda de alimentos como o beijú. Ao longo dos anos, Júlia e Valdemar viram os filhos crescer e constituir família, enquanto o casal continuou na dedicação ao trabalho da roça e muitas mudanças ocorreram na comunidade e seu entorno. No final dos

anos 1990, Júlia e Valdemar acessaram linhas de crédito rural e se aposentaram. Em 2013, receberam o garantia safra e ainda nos anos 2000, o bolsa estiagem. Também participaram do programa de assistência técnica – o ATER, além disso foram implementadas tecnologias sociais (cisternas de consumo e de produção) na propriedade do casal. Júlia se recorda que ao cair da primeira chuva, logo após o fim da construção da cisterna de 52 mil litros saiu à noite com um guarda-chuva para ficar observando a água escorrer no calçamento.

Atualmente, na propriedade do casal, há diversidade de fruteiras – coco, goiaba, acerola, manga, mamão, banana, pinha, seriguela, umbuzeiro e outros; hortaliças, vegetações rasteiras, plantio de batata, feijão e uma área de preservação ambiental. Também criam gado e ampliaram a quantidade de galinhas. O trabalho na roça e residência do casal conta com a participação de filhos, cunhados e noras, principalmente, quando vão para a comunidade Pau Ferro aos finais de semana. Eles costumam se reunir aos domingos para almoçar juntos e fazer atividades coletivas.



Encontro na residência de Júlia e Valdemar